

# A soprano Neyde Thomas, heroína da última ópera

São poucos os personagens do repertório lírico que a soprano Neyde Thomas não interpretou numa já longa carreira, iniciada num concurso em 1960, em Regio Emilia, na Itália; na época, Neyde tirou o primeiro lugar dentre mais de 200 candidatos, ao lado de Luciano Pavarotti e mais nove cantores. Do concurso aos palcos do Metropolitan e à Ópera de Berlim se passariam alguns anos e com eles algumas árduas passagens pelos papéis de soprano ligeiro de "Rosina" (de "O Barbeiro de Sevilha", de Rossini), "Lucia" de Lammermour e "Gilda" de "O Rigoletto", de Verdi. Foram anos de aprendizado que a fizeram uma das poucas cantoras brasileiras com um currículo internacional. Daí sua responsabilidade ao cantar pela primeira vez o papel de Magda na ópera "La Rondine", de Puccini, última ópera da atual temporada e que irá de hoje a domingo, no Municipal. Mas por isso também ela contará mais uma vez com a sua experiência.

Não que o papel a assuste. Neyde Thomas não considera o personagem de "Magda" mais difícil do que a de "Gilda", que exige da intérprete uma versatilidade que vai do soprano ligeiro no primeiro ato ao soprano lírico nos outros dois. Mas a figura da heroína do "La Rondine", segundo a cantora, exige uma interpretação à altura das intenções de Puccini. Neyde Thomas observa que Puccini compôs principalmente para mulheres; seus personagens femininos são predecessores de muitas feministas de hoje: o desempenho teatral seria um dos grandes desafios que se poriam à qualquer cantora que tivesse de enfrentar o papel.

"Aprendi com um grande regisseur a aliar a palavra ao gesto" — diz a soprano. "Não vejo como se possa prescindir da interpretação em personagens operísticos, que por exigirem dotes musicais não dispensam de modo algum a atuação cênica."

Para Neyde Thomas, que dentre os elogios, que recebeu da crítica internacional, contam-se muitas loas a sua postura física — a beleza na ópera não é fundamental. Ela lembra a gorda Montserrat Caballé com quem atuou algumas vezes e que como cantora ela considera excepcional. Mas a beleza não deixa de ser um complemento apreciável e quando a própria Neyde Thomas substituiu Anna Moffo ainda no princípio de carreira, exatamente no papel de "Gilda", lembra-se que foi notada também por sua presença no palco. No Brasil, porém, segundo a cantora, isso sequer é colocado em questão; e não porque os cantores de ópera sejam feios ou bonitos, mas porque simplesmente não têm como atuar.

Para a cantora este é ainda o maior problema da ópera brasileira: a falta de incentivo e de oportunidade. Neyde Thomas que está já há algum tempo no Brasil, recorda, por exemplo, que em alguns anos tem atuado em concertos cantando Bee-



A cantora em "La Rondine", de Puccini.

thoven (a Nona Sinfonia) e Mahler — mas só algumas raras vezes em óperas.

"No entanto — diz (enquanto aponta para seus companheiros de "La Rondine", o tenor Dagoberto de Muro e a soprano Marília Siegl) — há um grande número de cantores que, se não se saem sempre bem, não é porque não tenham qualidades, mas porque raras vezes têm a possibilidade de atuar".

Essa é uma verdade que ela faz questão de colocar em evidência: ao falar do seu entusiasmo por Verdi ("um compositor que não apenas delicia o público, mas aperfeiçoa a voz e o gosto dos bons cantores"), Neyde recorda que aprendeu tudo o que sabe atuando no palco. A conclusão é sua: não seria o que é se não tivesse tido a oportunidade que nem todos os cantores possuem. Por isso sua preocupação em que a ópera brasileira comece a ser incentivada a partir do aproveitamento dos cantores brasileiros. Ao que sugere Neyde Thomas, se no "La Rondine" os cantores Martha Baschi, Romeu Cury, Efígenia Cortes, Vera Lucia Pessagno além de Sebastião Sabiá, Roberto de Muro e Marília Siegl se saírem bem, estará comprovado o que a crítica anotou na atuação do elenco nacional em "O Rigoletto": que os cantores brasileiros não precisam sair do Brasil para fazerem sucesso. Neyde Thomas não diz, mas neste retorno para se radicar aqui no Brasil, seu país, parece querer indicar que gostaria de ter dado o passo decisivo de sua carreira no Brasil e não no Exterior, como aconteceu.